

ALINHAMENTOS E ESTRUTURA DE PARTICIPAÇÃO EM UMA ENTREVISTA TERAPÊUTICA

LUCIA QUENTAL
Universidade de Brasília

1.

Neste trabalho focalizo a estrutura de participação, i.e., "os arranjos estruturais da interação" (cf. Philips, 1972:377) em uma sessão de terapia de grupo de base analítica e argumento que é nesse nível que podemos entender, de maneira mais clara, "o que está se passando aqui e agora no discurso". A abordagem que sigo é a da análise de quadros ou molduras (frame analysis).

Os dados analisados são de uma sessão de terapia de grupo gravada em VT no Instituto Psiquiátrico da UFRJ, no verão de 1985¹.

O grupo compõe-se de duas terapeutas em treinamento no Instituto e de três pacientes²: Célia, que inicia a sessão com uma longa narrativa sobre um trágico acidente ocorrido com sua patroa e prossegue discutindo sua decisão de deixar o emprego em que se encontra há muitos anos. O tema central da primeira parte da sessão é a decisão de Célia e as dificuldades (dúvidas, sentimento de culpa, tristeza) que decorrem desta posição. A segunda paciente é Edite, que após muitos anos vivendo sozinha com sua filha, decidiu-se também por uma mudança, abrindo mão de sua liberdade e de seus hábitos para casar-se. O terceiro paciente é Bartolomeu, que, ao contrário das outras duas pacientes, ainda não conseguiu "chegar a uma conclusão" e encontra-se em grande ansiedade. A segunda metade da sessão tem como protagonista Bartolomeu, que havia permanecido alheio e distante a maior parte do tempo e é instado a participar da conversa.

Na primeira parte do trabalho discuto o conceito de estrutura de participação e sua relação com estruturas de expectativas (Tannen, 1985). Na segunda parte analiso as estruturas de participação da entrevista, com base nos enquadramentos sinalizados pelas mudanças de *footing* e

alinhamentos dos participantes. Na terceira enfoco o fenômeno psicológico da ambivalência, manifestado por um dos pacientes, e relaciono-o a conceitos interacionais.

2. A estrutura de participação

Qualquer nível de organização, seja ele lingüístico (fonológico, morfológico, sintático ou semântico), quase-lingüístico (fonético, pragmático, paralingüístico), ou não-verbal, além de contribuir para o significado do discurso, pode ser manipulado para significar independentemente de sua função primária (Goffman, 1981). Por exemplo, um participante ratificado em uma conversa pode sinalizar um alinhamento de ouvinte desinteressado (bystander) em um contexto em que o falante se dirige especificamente a ele, para significar um insulto, uma desqualificação da fala do interlocutor. Ou pode fazê-lo para redirecionar a interação (como veremos a seguir). O importante é que todos esses fenômenos se refletem na estrutura de participação, que é, por esse motivo, um nível privilegiado para o estudo da interação face-a-face.

O conceito de estrutura de participação origina-se com Philips (1972) que o define como "os arranjos estruturais da conversa". Embora o artigo de 1972 descreva o comportamento interacional de estudantes índios da reserva de Warm Springs (Oregon) em sala de aula, em tipos diferentes de configurações ou distribuições de papéis de ouvintes e falantes, há também uma preocupação de explicar a competência comunicativa dos alunos, i.e., o que devem saber para interagirem de maneira competente no ambiente da escola. Igualmente, em seu artigo sobre "indian time" (1974)³, que trata apenas de aspectos da estrutura de participação, Philips explicita a relação entre o que chama "regulamento da participação" e a participação propriamente dita:

"If the individual is to become an actual participant, and is to sustain his participation, he must at all times be able to recognize and identify the nature of the regulation of participation [...] This knowledge is knowledge of "social context" or "situation" and it is knowledge which the individual must have merely to sustain his co-presence with other participants in ongoing activity, and thus be in a position to speak, let alone speak in a socially appropriate fashion [...]" (p.109)"

A autora estabelece, portanto, uma distinção entre o comportamento observado, os "arranjos estruturais da conversa" e a competência comunicativa necessária para o desempenho apropriado dos papéis interacionais em eventos de fala. Esta segunda noção tem a ver com o que Tannen (1985) viria a chamar *esquemas de conhecimento* - um esquema ou sub-esquema específico, que regula a participação (verbal ou não) dos índios de Warm Springs em eventos marcados pela ocorrência de "indian time" e é parte da competência comunicativa e social desses falantes.

Em ambos os estudos o foco de atenção incide sobre a configuração da fala - sobre os papéis de falantes e ouvintes - e sobre o que estes "sabem" sobre o contexto social ou a situação de fala para interagirem de maneira apropriada. O termo estrutura de participação (participant structure), no entanto, é usado basicamente para referir-se ao conjunto de comportamentos comunicativos observados em interações face-a-face.

Seguindo a tradição de Philips, Erickson e Schultz (1977; 1982) elaboram o conceito (que chamam de "participation structure") e associam-no ao de papel discursivo e de identidade desempenhada, definindo-o como o conjunto de direitos e deveres comunicativos associados aos papéis dos interagentes e ao desempenho de uma identidade social. Tanto a identidade social desempenhada pelos participantes como seus papéis comunicativos estão em constante mudança na interação face-a-face e são sinalizados por mudanças de *footing* ou alinhamento, que re-enquadram as novas identidades e papéis, redefinindo o contexto.

Em Schultz, Florio e Erickson (1982:95) a estrutura de participação é explicitamente definida de maneira análoga a estruturas de expectativas - esquemas de conhecimento e quadros interacionais (Tannen, 1985; 1987). Após observarem interações de crianças tanto em sala de aula como em casa, os autores verificam que o comportamento interacional é regulado por expectativas relacionadas ao evento em curso:

"[...] There seems to be a working consensus among participants about these expectations: an order to which, in various verbal and nonverbal ways, they all hold one another accountable. Cook-Gumperz and Corsaro (1976:11) have used the term "ecological environment" to refer to the totality of the social and physical features of the setting, which seem to cue participants to a particular accountable order according to which such an occasion should be enacted. These accountable orders for the enactment of social occasions can be called **participation structures** [...]" (ênfase no original).

Penso que a definição de estrutura de participação proposta por Schultz e outros se refere a um conjunto de esquemas ou de sub-esquemas de conhecimento, que codificam as expectativas que temos sobre como interagir nos vários contextos que fazem parte de nossa experiência. São esquemas de conhecimento específicos para as tarefas sociais e comunicativas e incluem o que sabemos sobre quadros interacionais, que guiam o desempenho dessas tarefas.

Os estudos de Erickson e associados, que têm feito avançar nosso conhecimento sobre a natureza da interação face-a-face, privilegiam alguns aspectos interacionais dessa estrutura: as diversas configurações do espaço conversacional (*conversational floor*), a distribuição da atenção e sua sinalização pelos interagentes em seus papéis de ouvintes ou de falantes (maneiras de ouvir e maneiras de falar), além de aspectos mais técnicos de análise do discurso. Em seu artigo de 1982, apresentam uma tipologia de configurações do espaço conversacional que serve de base à descrição que me proponho a fazer na segunda parte deste trabalho.

Basicamente, estarei usando os conceitos de ouvinte primário e de ouvinte secundário. Um ouvinte primário participa do que podemos chamar de “conversa principal” e é potencialmente um próximo falante, tendo todos os direitos e deveres inerentes ao status. Um ouvinte participa de maneira limitada na conversa (por exemplo, dando *feedback*), não tendo, contudo, o direito de interromper ou de ocupar o espaço conversacional.

Uma outra vertente de estudos sobre a estrutura de participação incia-se com Goffman (1981), um artigo em que analisa aspectos estruturais da interação face-a-face relacionados com mudanças de *footing* e sua relação com as noções de falante e ouvinte. Em “*Footing*”, Goffman demonstra a necessidade de se reanalisar os conceitos primitivos de falante e ouvinte, que encobrem uma série de aspectos da identidade social, relevantes para a análise da interação, e propõe substituí-los pelas noções de *formatos de produção e de arcabouço de participação*. O esquema abaixo dá uma idéia bastante reduzida desses conceitos, que envolvem um nível de complexidade que não caberia resumir nesta breve discussão.

(1)

Formatos de produção (falante):

1. animador (que *fala* o discurso)
2. autor (o agente, o dono do script)
3. principal (quem motiva a fala e dela se beneficia); tema ou figura do discurso.

Arcabouço de participação (ouvinte):

A. participantes ratificados

1. receptor a quem a fala é dirigida especificamente (ouvinte primário para Erickson e Shultz, 1977; 1982)
2. receptor a quem a fala não é dirigida especificamente (ouvinte secundário para Erickson e Schultz, 1977; 1982)

B. participantes não-ratificados

1. ouvinte inadvertente - over-hearer/bystander
2. ouvinte subreptício - eavesdropper

O esquema restringe-se a interações tais como conversas, mas Goffman observa, em relação às duas estruturas, que “talk, after all, can occur at the town podium, as well as the town pump [...] and when talk comes from the podium, what does the hearing is an audience”, o que implica uma maneira diferente de ouvir. Quanto ao formato de produção, nota que inclui inúmeras possibilidades, inclusive a de termos uma figura, alguém que pertence ao mundo do discurso e não ao mundo onde se passa a fala.

O artigo revê algumas das pressuposições que temos sobre interações verbais e elabora e ilustra o conceito de *footing* (introduzido em sua obra de 1974), que marca mudanças na estrutura de participação ao sinalizar mudanças de projeção da identidade, ou de alinhamento e orientação dos participantes em relação uns aos outros e em relação à interação, ou seja, ao sinalizar enquadramentos ou re-enquadramentos das atividades em curso.

Um exemplo com que inicia o artigo deixa clara a operação dos conceitos de *footing* e de estrutura de participação. O episódio envolve Nixon e uma jornalista e desenvolve-se em dois momentos. Temos, em um primeiro momento, dois indivíduos no desempenho de suas identidades públicas, com as restrições que essas identidades impõem a seus direitos e deveres comunicativos: Nixon, na presença da imprensa credenciada junto à Casa Branca, assina um documento oficial em uma cerimônia formal. Ao final da cerimônia de assinatura, o presidente, sinalizando uma clara mudança de *footing*, despe sua identidade pública e dirige um galanteio a uma das jornalistas que cobria o evento. Neste ponto, ambos assumem as identidades de homem galanteador e de mulher galanteada, i.e., há um re-enquadramento e uma mudança de contexto e, embora os indivíduos sejam os mesmos, a identidade que desempenham é bastante diferente, o que se reflete na estrutura de participação: o que seria uma séria “gaffe” do pon-

to de vista comunicativo e social antes da mudança de *footing* passa a ser apropriado (embora de mau gosto) no novo contexto.

Seguindo a tradição de Goffman, Schifffrinn (1987:27) inclui uma estrutura de participação como um dos componentes de seu modelo de discurso, definindo-o como "as diferentes maneiras como falantes e ouvintes se relacionam mutuamente". Além de se relacionarem uns com os outros, os participantes se relacionam com o que é dito ou feito - com seus enunciados, proposições, atos de fala e turnos, que penso vêm a ser extensões de si mesmos. Ou seja, na interação face-a-face estamos sempre nos orientando ou alinhando em relação aos interlocutores e ao discurso. Este aspecto da estrutura de participação enfatizado por Schifffrin será retomado na terceira parte do trabalho, quando procuro relacionar o comportamento comunicativo de um dos pacientes com sua orientação em relação ao tratamento.

Na próxima parte, passo a discutir as estruturas de participação encontradas na entrevista.

3. A estrutura de participação da entrevista

Antes de descrever as estruturas de participação que analisei na entrevista, farei uma breve introdução sobre as partes principais do evento e os papéis sociais desempenhados.

A sessão divide-se em dois grandes episódios⁴, o primeiro dividido em duas partes: (ia) narrativa de Célia sobre a última tentativa de suicídio de sua patroa; (ib) discussão da decisão de Célia de deixar seu emprego; (ii) o silêncio de Bartolomeu, interpretado pelas terapeutas como um sinal de resistência ao tratamento.

Do ponto de vista de papéis sociais, o grupo divide-se em terapeutas e pacientes. A própria organização do espaço reforça esta oposição: as terapeutas sentam-se lado a lado, em cadeiras ligeiramente afastadas das demais, colocadas em ângulo de cerca de 30 graus em relação às outras três cadeiras, onde se sentam os pacientes, o que permite uma visão quase frontal dos mesmos. A organização do espaço físico reflete o enquadramento mais geral da situação, o contexto social da entrevista, que é ao mesmo tempo sinalizado pelo alinhamento das terapeutas.

Durante a entrevista elas apresentam-se em dueto (Falk, 1979), compartilhando os turnos, no que Goffman chama de "a tiesign", i.e., como se estivessem de mãos dadas, formando uma só entidade em contraste com os outros participantes. A metamensagem é "nós versus vocês".

O exemplo a seguir mostra uma ocasião em que as duas terapeutas

peutas falam em dueto, completando-se uma à outra. Na passagem, as duas questionam Bartolomeu, que se recusa a se envolver no problema de Célia, dizendo que “se já está decidida a sair do emprego, não há mais o que se discutir”.

- (2) a. Dra Diná: Não sei, Seu Bartolomeu, se o Sr. pensa assim.
Mas às vezes é mais fácil pensar assim, né?
/cont./
→b. Dra Eni : Pois é, eu tou falando isso, seu Bartolomeu,
/cont./

Note-se no exemplo que Diná e Eni compartilham o papel de um único interlocutor. Não há, neste caso, alternância de turnos, mas de sub-turnos, ou seja, ambas têm a palavra simultaneamente, como se fossem uma só falante. Isso transparece em (2b), quando Eni continua a fala de Diná em primeira pessoa, como se ela própria tivesse estado falando.

Essa distribuição de papéis sociais e o comportamento de dueto das terapeutas persistem durante toda a entrevista.

3.1. O primeiro Episódio

O alinhamento paralelo das terapeutas descrito acima, que ocorre tanto a nível de papéis sociais como a nível de papéis discursivos, promove um primeiro recorte nas estruturas de participação⁵, enquadrando pacientes em oposição a terapeutas. Esta oposição fica mais clara se avaliarmos não apenas a distribuição de papéis discursivos, mas também a de funções.

No primeiro episódio encontramos a seguinte configuração de papéis:

(3)

Estrutura de participação no primeiro episódio.

Participantes ratificados:

Célia : falante primária
Diná/Eni : ouvintes primárias
Edite : ouvinte secundária
Bartolomeu : não participante

Deixando de lado, por um momento, o status de Bartolomeu no primeiro episódio, observa-se que Célia predomina como falante e que Di-

ná e Eni são suas ouvintes primárias, a quem dirige a palavra e para quem se orienta fisicamente. Outra evidência de que são as interlocutoras primárias de Célia é o fato de que são potencialmente o próximo falante. Além de Célia, são elas que usam da palavra. Edite permanece em uma postura de ouvinte, orientando-se em direção às terapeutas e não em direção a Célia, o que faria se fosse ouvinte primária, com o direito e o dever de tomar a palavra. De fato, só participa da conversa esporadicamente.

O exemplo (4) traz evidências internas (ênicas) que confirmam a análise da estrutura de participação dessa primeira parte. Ao final do episódio, ao iniciar uma interpretação do silêncio de Bartolomeu, Eni faz uma avaliação da participação dos pacientes até aquele momento:

(4)

Eni: Eu não sei, mas eu fico pensando...eu vo::u dar um palpite aqui, né?

...A Célia tá falando esse tempo

→ todo...sozinha aqui com a gente.

...Edite pa- parece...que tá prestando atenção e tudo.

Mas tou sentindo Seu Bartolomeu...no canto dele...né?

→ E isso às vezes não é comum. Ele às vezes participa da conversa, né? A gente tem notado isso.

/cont./

A percepção de que Célia está falando sozinha com as terapeutas qualifica-a como falante primária. Edite é percebida como ouvinte secundária e Bartolomeu como não participante na conversa. Note-se a linguagem fortemente avaliativa de Eni: as expressões que se referem a Célia - "esse tempo todo", "sozinha"- exprimem um desvio de expectativas para mais, ao passo que as referências a Edite - "Edite parece", "e tudo" - o fazem para menos. Quanto a Bartolomeu, há uma clara expressão de expectativas não preenchidas, introduzida por "mas" e reforçada pela expressão "no canto dele" e pela estranha sentença "e isso às vezes não é comum", com um atenuador (às vezes) que a torna agramatical.

Todos esses recursos são evidência de um esquema, ou melhor, de expectativas associadas a um esquema (cf. Tannen, 1979). Tais expectativas podem ser vistas no trecho abaixo, em que Diná, ao confrontar Bartolomeu, deixa claro o que espera do grupo, i.e., as regras básicas (ground rules) deste tipo de interação.

(5)

a. Dra. Diná: Eu acho que o Sr. vê às vezes o grupo, Seu Bartolomeu, como se as únicas pessoas que pudessem contribuir aqui somos nós.

→ E no entanto não é isso. Vocês têm tantas contribuições a dar uns pros outros e até pra gente aqui, como a gente pode dar pra vocês, sabe?
Eu acho que o grupo também-

[
b. Bartolomeu: Mas eu não penso assim.
(lamentavelmente) eu não penso assim.

c. Dra. Eni: Eu acho que o grupo é isso. É muito importante por isso. Porque é uma...uma troca de muitas coisas, de muitas opiniões...é uma participação de- =

[
d. Dra. Diná: É verdade, Seu Bartolomeu.

e. Dra. Eni: = em grupo

As regras que deveriam reger a interação parecem ser que, a nível de papéis sociais, todos os participantes são terapeutas e pacientes e que, a nível da interação, todos são participantes primários, com os mesmos direitos e deveres. Entretanto, em (5a) Diná deixa entrever um outro esquema ao dizer “e até pra gente aqui”, uma evidência de que não é essa sua expectativa.

Na verdade, como argumentei em outro trabalho, o discurso terapêutico é um discurso simbiótico (cf. Quental, 1987; Lakoff, 1980), havendo uma distribuição complementar não apenas de funções (a tese de Lakoff), mas também de papéis discursivos (minha posição). É o paciente que é responsável pela fala e pela introdução de tópicos, cabendo ao terapeuta o papel de ouvinte e de interpretador. Ao interpretar, o terapeuta o faz na maioria das vezes com um *footing* de ouvinte.

Uma lista das ações de fala desempenhadas neste primeiro episódio aponta para o fato de que, mesmo em terapias de grupo (e apesar das regras igualitárias invocadas por Diná), o discurso terapêutico tende a ser simbiótico:

(6)

Distribuição de funções no primeiro episódio

Célia	narra, dá avaliação
Edite	dá feedback, pede esclarecimento
Eni/Diná	pedem informação, dão avaliação, dão reavaliação, dão interpretação
Bartolomeu	_____

Como se vê, apenas as terapeutas interpretam e apenas os pacientes são interpretados, o que não confirma a afirmação de Diná em (5) de que “você têm tantas contribuições a dar uns pros outros e até pra gente aqui, como a gente pode dar pra vocês”.

A possibilidade de que as terapeutas mantenham seu *footing* de ouvintes, mesmo quando dão uma longa interpretação (como é o caso em outras terapias que analisei), não pôde ser confirmada. Não há mudanças acentuadas de postura ou de orientação ao início de suas falas, nem outros tipos de comportamento passíveis de serem interpretados como “code switching-like”, o que indicaria uma mudança de *footing* de ouvinte para falante (contrariamente à minha tese). No entanto, o ângulo da câmera impediu uma análise confiável do comportamento não-verbal de Eni e Diná e preferi não tirar conclusões que não se amparassem em claras evidências.

3.2. O silêncio de Bartolomeu

Como vimos no exemplo (4), Eni percebe Seu Bartolomeu alheio à conversa (Mas tou sentindo Seu Bartolomeu...no canto dele...né? E isso às vezes não é comum. Ele às vezes participa das conversas, né? A gente tem notado isso).

Na verdade, Bartolomeu apresenta uma postura de não-participante, sentado rigidamente em sua cadeira, braços cruzados no colo (onde apoia uma pasta), orientando-se para baixo e para fora do grupo (olhos fixos no chão, pés paralelos). Duas ou três vezes durante o episódio, altera ligeiramente esta postura, mudando a posição do braço esquerdo, onde apóia o rosto (cobrindo parcialmente a boca). Ao fazer isso, inclina-se para mais longe ainda do grupo.

A linguagem não-verbal de Bartolomeu é extremamente complexa e eloquente. Penso que ao usar a expressão “no canto dele”, Eni capta parte dessa complexidade. Em primeiro lugar, a postura de Bartolomeu é auto-centrada, como a de uma criança emburrada, de castigo no

canto. O alinhamento que apresenta é em relação a si próprio e a seu problema, excluindo tudo e todos a sua volta. Ao fazer isso, Bartolomeu re-enquadra seus co-participantes no evento no papel de atores secundários em um drama pessoal maior. Há aí um recorte encoberto na estrutura de participação - temos um protagonista silencioso e, em segundo plano de importância, atores secundários, cuja conversa perde relevância, ficando a meio caminho entre mensagem e ruído.

Em segundo lugar, o silêncio de Bartolomeu e sua postura de pouco poder é uma maneira extremamente bem sucedida de manipular a situação. De maneira indireta, Bartolomeu exerce com sucesso o poder de enquadrar a interação, tornando-se o centro do segundo episódio. O exemplo (8), em que defende sua posição de ficar calado, deixa claro o desejo que tem de ser o centro da conversa, ao fazer um lapso de língua. Penso que esse desejo é parte do significado encoberto que o paciente sinaliza com sua postura e seu silêncio.

(8)

Bartolomeu: Sim, Dra., porque por exemplo. Digamos assim. Eu passo uma semana um pouco melhor. Mas tem...semana... que eu venho aqui, eu tou... **muito** agoniado, **muito** tenso, **muito** (xxx).
Então, por exemplo. É o caso de hoje.

→

Então eu prefiro ficar falá- ca- calado.

Porque por exemplo, Célia tá trazendo um problema da patroa que já vem sendo falado há algumas semanas, né?

Quer dizer: eu não posso opinar, eu não posso...dizer nada.

A passagem poderia ser parafraseada, levando-se em conta a linguagem não-verbal de Bartolomeu, da seguinte maneira

(8')

É verdade que estou quieto no meu canto, em silêncio. Mas deixe-me explicar. Quando estou mal, como hoje, fico muito infantilizado, não consigo pensar em outra coisa senão nos meus problemas, nada mais me interessa. Fico assim passivo e desligado como pode ver. Gostaria de falar dessas coisas que me agoniam, mas não consigo. Preferia que alguém falasse por mim. Como isso não é possível. Prefiro ficar calado. Além disso, o assunto

da patroa de Célia não me interessa. Mas a verdade é que não posso falar sobre isso que sinto.

Os lapsos de língua não têm status na teoria do discurso. Na teoria psicanalítica costumam ser interpretados como a expressão do verdadeiro significado do falante, geralmente ligado a um desejo. No caso de Bartolomeu, estou interpretando o lapso como a expressão de um conflito - falar e não falar - que se concilia na expressão "ficar falado". Voltarei brevemente ao assunto na última seção, após a descrição do segundo episódio.

3.3. O segundo episódio.

O segundo episódio inicia-se quando as terapeutas, ainda em dueto, confrontam Bartolomeu com uma série de interpretações, promovendo-o a tópico do discurso, protagonista e interlocutor primário nesta parte da entrevista.

Ao contrário do primeiro, encontramos neste episódio dois tipos de configurações que se alternam. A primeira, que é a mais estável e mais básica, envolve apenas Bartolomeu e as terapeutas em diálogos longos, em que apresentam alinhamentos opostos. Célia e Edite tomam uma postura de ouvintes secundárias, com limitados direitos e deveres interacionais.

No entanto, como vimos, há uma expectativa de que todos interajam e vemos as terapeutas repetidamente enquadrarem os pacientes como ouvintes/falantes primários. O exemplo (2), que repito aqui como (9), permite seguirmos esses enquadramentos e as mudanças na estrutura de participação⁶.

(9)

- a. Diná: Não sei, seu Bartolomeu, se o Sr. pensa assim.
Mas às vezes é mais fácil pensar assim, né, tipo tá decidido, a Célia deixa a patroa, e aí a gente não tem sentimento nenhum por ter deixado a patroa, e aí a gente não sofre, a gente fica tipo congelado.

Assim congelado que eu digo, sem sofrimento, sem depressão, sem tristeza,=

(Célia) [sei.
= sem angústia, né?

→ E... e na verdade isso tudo
incomoda, porque Seu Bartolomeu na verdade
não tá assim. Ele não tá sem sentimento,
ele tá imune às coisas. Ele tá sofrendo
muito por dentro.

Essa coisa de às vezes pensar “ ah! eu não
quero me envolver nesse assunto, eu não
quero falar sobre isso”.

Na verdade ele tá pensando sobre isso
o tempo todo dentro dele. Isso tá lá
martirizando, tá incomodando. Ele tá uma
pessoa que tá sofrendo muito com isso. Não é
pouco...não é?

Agora. É só pra muitas vezes
a gente...não tapar o sol com a peneira. A
gente saber que... tá se comportando, tá-

→ b. Eni: Pois é, eu tou falando isso, Seu Batista,
porque em outros momentos eu já senti o Sr.
por exemplo falar assim...como que a melhor
coisa do mundo, quer dizer. Como que a coisa
que o Sr. **mais** almejasse nesse momento é
poder decidir as coisas, poder chegar a uma
conclusão, né?

Por exemplo então o Sr. coloca assim como a
coisa mais importante de tudo “Bom, a partir
do momento que ela decidiu, o resto não
interessa mais”.

[

c. Diná: O que que custou a ela chegar a este ponto!

[

d. Eni: Exatamente. /cont./

Como observa Goffman (1981:137), um enunciado pode servir de ponto de referência para a análise da participação. A partir do enunciado pode-se descrever o que chama o 'status de participação' de cada indivíduo e de todas as pessoas em um encontro - o 'arcabouço de participação'. É o que passo a fazer com o texto(9).

Note-se que a intervenção de Diná inicia-se enquadrando Seu Bartolomeu como seu ouvinte primário (Não sei, **Seu Bartolomeu, se o Senhor...**), o que define as duas outras pacientes como ouvintes secundárias. Entretanto, já no meio do sub-turno realiza um re-enquadramento (porque Seu Bartolomeu, na verdade..; ele não tá sem sentimento; ele tá pensando, etc.), redefinindo a estrutura de participação, que apresenta alguma instabilidade neste momento. Célia e Edite passam ao status de participantes primárias e Bartolomeu deixa de fazer parte da interação, para tornar-se uma figura (protagonista) no discurso, uma possibilidade que está sempre presente no formato de produção.

Já em (9b), Eni torna a redefinir a estrutura de participação, que retoma sua configuração básica no episódio. Tanto essa estrutura básica como a secundária, sinalizada por Diná, podem ser vistas nos esquemas (10 e (10')).

(10)

Estrutura de participação básica do episódio.

Participantes ratificados:

Bartolomeu : falante/ouvinte primário
Eni/Diná : falantes/ouvintes primárias
Célia : ouvinte secundária
Edite : ouvinte secundária

(10')

Estrutura de participação secundária do episódio.

Participantes ratificados:

Eni/Diná : falantes primárias
Edite e Célia : ouvintes primários
Bartolomeu : figura (protagonista)

Se compararmos as ações de fala desempenhadas, vemos que há, como no primeiro episódio, uma distribuição complementar de funções, que confirma a natureza simbiótica do discurso neste nível e apóia a análise da configuração básica da conversa apresentada em (10):

(11)

Distribuição de funções no segundo episódio.

- Eni/Diná** confrontam com interpretação
dão avaliação, rejeitam avaliação dos
pacientes, dão reavaliação
- Bartolomeu** rejeita interpretação
expressa queixa, reclamação, des-
crença no tratamento
- Edite e Célia** dão feedback, dão avaliação.

O segundo episódio pode ser resumido como um embate entre as terapeutas, que confrontam o paciente com suas interpretações, e Bartolomeu, que resiste e rejeita as interpretações. Esta atividade é por vezes interrompida para reportar para Célia e Edite partes da avaliação.

Célia e Edite ora são ouvintes secundárias ora primárias, o que se pode ver por sua orientação pouco definida. Apenas uma vez as terapeutas dirigem-se a elas com um pedido de avaliação, que é imediatamente interrompido e rejeitado. As interpretações de Bartolomeu são igualmente rejeitadas e reinterpretadas.

4. A ambivalência de Bartolomeu.

Em 3.2 interpretei o silêncio de Bartolomeu, com base em sua linguagem não-verbal e em um lapso de língua, como um conflito entre querer e não querer falar. Na verdade Bartolomeu tem consciência do conflito, como se pode ver no trecho abaixo, em que Diná confronta Bartolomeu, que vem questionando a eficácia do tratamento, que para ele representa “chegar a uma decisão”:

(12)

- a. Diná Eu, o que eu digo SEMPRE é que quando o Sr. me questiona sobre uma coisa assim, eu não tenho uma resposta na hora, uma decisão na hora.

Mas eu acho que...com o tempo, eu vou tendo a decisão, e o Sr. vai tendo, todo mundo vai tendo. Eu só não tenho a coisa de bandeja, ó [GESTO DE APRESENTAR BANDEJA]...

Porque (tem que ter) o remédio naquele momento, de curar naquela hora. A pessoa não tem um pouco de **tolerância**, para a coisa começar surtir efeito.

- b. Bart. : Mas eu, doutora, eu não tou aguentando?
c. Eni : / Tá!
d. Bart. : Eu não tou vindo aqui?
e. Eni : / Tá.
f. Bart. : Eu nunca falto (nunca mesmo).
→ g. Eni : / Não!
Eu não tou falando isso. Eu-
- h. Bart. : Então eu tou tou..eu
tou..tou..eu, sabe, eu tou procurando!
i. Eni : Tá. O Sr. tá buscando se tratar.
j. Bart. : / Não tou?
k. Eni : / Tá.
- l. Bart. : Eu, por exemplo, não deixo de vir.
Eu me forço **tremendamente** a vir.
A vontade não é NENHUMA de vir aqui.
Mas eu venho.
MESMO A-CHAN-DO...
Que não tá surtindo efeito!
Mas eu tou vindo.
→ Então eu vou lutando contra mim mesmo.

A terapeuta converge em direção ao paciente, usando sua linguagem. Ao dizer que com o tempo Bartolomeu terá uma “decisão”, todos terão uma “decisão”, quer significar que chegará um momento em que o paciente apresentará uma melhora, deixando de sofrer tanto (que é uma das queixas de Bartolomeu, que atribui o fato à sua incapacidade de chegar a uma decisão).

Note-se também em (111) (marcado pela seta) que o paciente verbaliza seu conflito: ele quer e não quer vir ao tratamento e contemporiza, indo à sessão, mas não participando dela. É isso que é confrontado durante o segundo episódio pelas terapeutas, que lhe dizem que ao se alhear da terapia torna-se difícil ajudá-lo. O paciente defende-se, ressaltando sua cooperação no tratamento, oferecendo como evidência o fato de que nunca falta às sessões.

Quando Diná levanta o problema da “resistência” (i.e. do si-

lêncio) do paciente, ela o faz de uma posição de confronto (...“quando o Sr. me questiona...”), acusando-o de “não ter um pouco de tolerância para a coisa começar surtir efeito”.

Da mesma forma Bartolomeu começa sua fala com um *footing* de confronto, marcando seu enunciado com um *mas* e uma série de pedidos de confirmação, trazendo evidência de seu compromisso com o tratamento, seu alinhamento em relação à terapia. A terapeuta aceita a evidência e realinha-se com o paciente, concordando com ele (“Tá. O Sr, tá buscando se tratar”), i.e., ela valida aquele alinhamento.

Só na linha g (Não! Eu não tou falando isso. Eu-) muda seu *footing* e tenta retomar e explicar o lance precedente, iniciando a fala com um *onset* da voz elevado e uma negativa, metacomunicando (entre outras coisas) um erro de inferência e uma mudança de tópico. Ao ser interrompida pelo paciente, retorna a seu alinhamento anterior, concordando com ele.

Retomando as noções de *footing* e alinhamento, tentarei explicar em termos interacionais a ambivalência de Bartolomeu, que podemos resumir nas posições em (13):

(13) Eu quero me tratar : Eu não quero me tratar.

Antes, porém, é necessário introduzir a noção de pacto terapêutico⁷. O processo terapêutico inicia-se com um pacto entre terapeuta e paciente, o que Freud (1969 [1940]:30) descreve como uma aliança entre o ego conflituado do paciente e o “médico-analista”, contra as pressões instintuais do id e as demandas irrealistas do superego. A idéia de um pacto envolve algum tipo de acordo ou compartilhamento de propósitos entre os participantes - um alinhamento simétrico em relação a algo, neste caso, em relação aos objetivos explícitos de uma terapia.

A noção de *footing* (que inclui a de alinhamento) permite captar no nível interacional a idéia de um pacto. Segundo Schiffrin (1982:402), um alinhamento inclui dois elementos: algum conteúdo factual (e.g. a melhora de Bartolomeu) e a orientação de alguém em relação a este conteúdo. É o que chama de uma **posição**.

No trecho de Freud (cf. nota 7) o paciente é descrito como apresentando duas **posições** conflitantes: a primeira orientada para o tratamento e a cura e a segunda opondo-se à primeira. Ou seja, as proposições em (13), que captam a ambivalência de Bartolomeu em relação ao tratamento.

A dupla posição do paciente em relação à experiência terapêutica traz um primeiro desdobramento à estrutura de participação, que se

fragmenta. De um lado temos um alinhamento paralelo das terapeutas e do paciente, que pode-se considerar a posição básica, explícita (overt) que define a relação terapêutica. É dessa posição que Diná e Eni validam posições do paciente e **dão** interpretações. De outro, temos uma posição secundária, encoberta (covert) do paciente, contrária à primeira, à qual corresponde uma posição de confronto das terapeutas. Elas o **confrontam** com interpretações. É o que se vê em (12a), quando Diná acusa Bartolomeu de "não ter um pouco de tolerância", de querer uma cura mágica (Eu só não tenho a coisa de bandeja, ó!).

Este conjunto de alinhamentos (paralelos ou não) manifestam-se em muitos níveis do processo terapêutico, determinando aspectos importantes da estrutura de participação, uma vez que disto dependem a quantidade e qualidade de fala de pacientes e terapeutas. É este o tipo de fenômeno que vemos no caso de Bartolomeu. O conflito e a ambivalência subjacentes a seu silêncio e a sua recusa em participar da conversa, determinam seu "status de participação", que é um contexto importante para se definir os demais "status de participação". Ou seja, os papéis de falantes e ouvintes são simultâneos e complementares. É neste sentido que, na conversa, somos todos contextos uns para os outros.

CONCLUSÃO

Argumentei no início deste trabalho que, para realizarem suas tarefas comunicativas, falantes e ouvintes têm o recurso de manipular qualquer nível de organização do discurso para significar. É na estrutura de participação - no sentido de arranjos estruturais da conversa - que atualizamos de maneira mais clara esses significados, o que a torna um *locus* privilegiado para a análise da interação face-a-face. A análise dos *footings* e alinhamentos dos participantes, que definem os contextos da interação, não apenas põem em evidências as posições dos interagentes e suas consequências para a estrutura de participação, mas permitem determinar de maneira mais segura "o que está se passando aqui e agora na conversa".

Na micro-análise da entrevista que apresentei, procurei ilustrar esses mecanismos - as metacomunicações - que usamos na interação para organizarmos o mundo a nossa volta: os enquadramentos maiores (como os que definem uma situação de fala) e as mudanças de *footing* ou micro-enquadramentos, com que projetamos nossa identidade ou posição, sinalizando momento a momento o contexto para interpretação. Para ilustração, focalizei o comportamento de um paciente e, a partir da análise da estrutu-

ra de participação, procurei mostrar os vários níveis que manipulou para tentar obter o que precisava.

A análise dá conta de momentos de fala, que refletem momentos no processo terapêutico dos pacientes. É o que se entrevê em sessões de terapia. A entrevista terapêutica é um fragmento, um corte horizontal do evento maior "tratamento" e toda análise desses mini-eventos é limitada pela própria natureza dos dados.

NOTAS

1. A presente entrevista faz parte de um grupo de 8 sessões de terapia que analisei para minha tese de doutorado (Quental, 1987). Para maiores detalhes sobre a gravação e transcrição dos dados, remeto o leitor àquele trabalho.
2. Para proteção dos informantes, foram trocados seus nomes.
3. "Indian time" tem a ver com orientação temporal e difere radicalmente da orientação linear (Hall, 1959), cronológica da sociedade não Índia. Os eventos da reserva que são percebidos como acontecendo em "indian time" têm em comum o fato de serem regulados não pelo relógio, mas pela participação competente dos Índios que se guiam por um esquema específico, que Philips relaciona com a estrutura de participação e com a competência comunicativa.
4. A segmentação do evento em dois macro episódios obedeceu a critérios que discuto em Quental (idem). Basicamente, um episódio implica uma mudança radical de tópico e/ou de atividade, sinalizada por mudanças no ritmo da fala e mudanças de postura e orientação (contextualization cues), que marcam um novo enquadramento. Um segundo critério tem a ver com mudanças na estrutura de participação.
5. Neste sentido, as estruturas de participação de eventos de terapia de grupo ou de família são muito semelhantes às que encontramos no contexto de sala de aula, em que os participantes estão sempre divididos em professor e alunos.
6. Optei por transcrever trechos longos da conversa para que o leitor tenha uma idéia do tom e do conteúdo da sessão, o que permite, entender - nas vozes dos atores - o desenrolar dos acontecimentos.
7. A discussão de pacto terapêutico baseia-se em Freud (1940). O trecho que se segue é uma boa descrição do conceito, feita no estilo metafórico que caracteriza as obras do autor.

[Our plan of cure is based on these discoveries.]

The ego is weakened by the internal conflict and we must go to

its help. The position is like that in a civil war which has to be decided by the assistance of an ally from outside. The analytic physician and the patient's weakened ego, basing themselves in the real, external world, have to band themselves together into a party against the enemies, the instinctual demands of the id and the conscientious demands of the super-ego. We form a pact with each other. [...] This pact constitutes the analytic situation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, Gregory. 1972. **Steps to an Ecology of Mind**. New York: Ballentine.

BIRDWHISTELL, R.L. 1961. Paralanguage Twenty-five Years After Sapir. *In* J. Laver and S. Hutcheson (orgs.) **Face-to-face Communication**. Harmondworth: Penguin, 1972.

ERICKSON, F. e J. Schultz. 1982. **The Counselor as Gatekeeper: Social Interaction in Interviews**. N.Y.: Academic Press.

———. 1977. When is a context? some issues and methods in the analysis of social competence. *In* **Quarterly Newsletter of the Institute for Comparative Human Development** 1(12): 5-10.

FALK, Jane. 1979. **The duet as a conversational process**. PhD Dissertation. University of California, at Berkeley.

FREUD, Sigmund. 1969 [1940]. **An Outline of Psychoanalysis**. N.Y.: W.W. Norton. Traduzido por J. Strachev, 29-39.

HALL, E.T. 1973 [1959]. **The Silent Language**. N.Y.: Anchor Books.

GOFFMAN, Ervin. 1974. **Frame Analysis**. New York: Harper and Row.

———. 1981. Footing. *In* **Forms of Talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 124-59.

LABOV e FANSHELL. 1977. **Therapeutic Discourse: Psychotherapy as Conversation**. N.Y.: Academic Press.

LAKOFF, Robin. 1980. When talk is not cheap: psychotherapy as conversation. *In* L. Michaels and C. Ricks, **State of Language**. Berkeley: University of California Press, 440-448.

———. 1985. Schizophrenia as communication. Review of S. Schwartz, **Language and Cognition in Schizophrenia**. *Semiotica*, 34, 3/4: 355-374.

- PHILIPS, Susan U. 1972. Participant structures and communicative competence; Warm Spring children in community and classroom. In C. Cazden, V. John e D. Hymes (orgs.) **Functions of language in the Classroom**. N.Y.: Academic, 370-94.
- . 1974. Warm Spring "Indian time": how the regulation of participation affects the progression of events. In Bauman, R. e J. Sherzer (org.) **Explorations in the Ethnography of Speaking**. Cambridge: Cambridge University Press.
- QUENTAL-ALMEIDA, L. 1987. **Clinical interpretation and the reframing of experience: evidence from therapeutic discourse**. PhD Dissertation, Georgetown University.
- SCHIFFRIN, D. 1982. **Discourse markers: semantic resources for the construction of conversation**. Ph. D. Dissertation, University of Pennsylvania.
- . 1987. **Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHULTZ, J., S. Florio e F. Erickson. 1982. Where's the floor? aspects of the cultural organization of social relationships in communication at home and in school. *In* Gilmore e Glatthorn (orgs.) **Children In and Out of School**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.
- TANNEN, D. 1979. What's in a frame? surface evidence for underlying expectations. *In* R. Freedle (org.) **New Directions in Discourse Processing**. Norwood: Ablex.
- . 1985. Frames and schemas in the discourse analysis of interaction. **Quarderni di Semantica** 6(2).
- . 1986. **That's Not What I Meant! How Conversational Style Makes or Breaks Relationships**. New York: Ballantine Books.
- TANNEN, D. e C. Wallat. 1987. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical interview. *In* **Social Psychology Quarterly** 50 (2): 205-16.

CONVENÇÕES PARA TRANSCRIÇÃO

- . entonação descendente, pensamento (parcialmente) acabado.
- , entonação descendente-ascendente; ascendente; pedaço de um pensamento (“vem mais aí”).
- ? entonação ascendente; perguntas.
- Pala:vra alongamento do som que antecede os dois pontos.
- Pa-la-vra pronúncia escandida, destacando as sílabas.
- = enunciado continua sem mudança de ritmo.
- sublinhado** ênfase; ênfase contrastiva.
- MAIUSCULA** ênfase maior.
- palavra- interrupção abrupta; auto-interrupção
- ʔ**palavra onset da voz alto (relativamente à norma).
- ... pausa não-marcada.
- [pausa] pausa marcada.
- (xxxx) trecho impossível de transcrever.
- (palavra) incerteza na transcrição da palavra.

[INFORMAÇÃO NÃO-VERBAL OU SOBRE O CONTEXTO]

[sobreposição de vozes

/ engatamento

enunciado ou sequência de enunciados [características]

----->

O enunciado sublinhado com uma seta longa marca um trecho com características especiais descritas [entre colchetes]; as convenções são as seguintes: [p] piano, [pp] pianissimo; [acc] acelerado; [dec] pausado; [f] forte; [ff] fortíssimo; etc..

-----> à esquerda do texto, indica um ponto que será comentado no corpo do trabalho.